



DA CORRELAÇÃO ENTRE A INTERPRETAÇÃO DAS FONTES E OS FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS DE ANÁLISE.

Bárbara Valente de Deus Duarte (PIBIC/Fundação Araucária/UEM), Moacir José da Silva (Orientador), e-mail: barbaraduarte10@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

Colégio de Humanidades, história.

Palavras-chave: teorias da história, historiografia, pesquisa histórica.

Resumo:

Esta pesquisa no campo das teorias da história visa relacionar a escolha e a interpretação das fontes da pesquisa histórica com os seus referenciais metodológicos; ele é uma caracterização dos fundamentos metodológicos básicos de análise de duas das principais fontes interpretativas clássicas das quais se originam diversas matrizes teóricas de análise, a saber: Historicismo e Escola Austríaca. Trata-se em suma de um exame destas duas vertentes focalizando, em alguns de seus principais expoentes teóricos, os seus elementos metodológicos básicos de análise focalizando o nexos existente entre eles e o tratamento teórico dado as fontes de pesquisa. O ponto de partida aqui é analisar a diferenciação dos pesos e das prioridades que diferentes escolas de pensamento atribuem às fontes da pesquisa histórica.

Introdução

Objeto de recorrentes debates historiográficos, congressos e revistas nacionais e internacionais, o campo das Teorias da História tem se destacado dentre as mais relevantes áreas de conhecimento em ciências humanas. O recorte desta pesquisa recaiu sobre o Historicismo e a Escola Austríaca da História, especialmente por se tratar de vertentes interpretativas que serviram de embasamento e identidade para um rol quase que infindável de estudos historiográficos e especialmente por propiciar um entendimento aprofundado do nexos entre metodologia e fonte de pesquisa.

Materiais e métodos



A pesquisa segue o referencial convencional para estudos do tipo essencialmente qualitativo. Trata-se de um estudo bibliográfico focado em aspectos essenciais das metodologias de análise sobre o modo como se dá continuidade do processo histórico. O enfoque recairá sobre duas escolas clássicas de pensamento que, agrupadas, formam um conjunto de referenciais metodológicos clássicos para um extenso rol de estudos historiográficos. De acordo com isso este trabalho dividiu-se em duas fases, todas elas voltadas para a diferenciação de aspectos metodológicos em sua íntima relação com campo das fontes de pesquisa em teorias da história. Num primeiro momento foram caracterizados os referenciais teóricos de alguns autores principais da escola Historicista; no passo seguinte foi procedida a análise da Escola Austríaca de História; ao final, foram contrapostas as duas correntes interpretativas caracterizando e diferenciando o modo como propõem o uso das fontes de pesquisa pelo historiador.

Resultados e Discussão

A corrente Historicista, que ficou muito popular entre os séculos XIX e XX e que foi analisada também pelas obras de Hegel (1992) e Popper (1964), afirma que qualquer fenômeno social, cultural ou político é algo histórico e só pode ser entendido quando parte dela. Eles enunciam também que tanto o objeto quanto o sujeito estão imersos dentro do processo histórico. A tese fundamental de Hegel (1992) em *"Fenomenologia do Espírito"* é de que o universo, ou seja, a totalidade segue um conceito dialético que é contínuo e que se move na forma de negações no formato tese-antítese-síntese. A realidade que é nomeada por um conceito, independente de ela ser natural ou mental, faz existir também a sua antítese. Todo esse processo deve ser analisado considerando o desenvolvimento da consciência coletiva, que só pode ser revelada através da história da civilização e das culturas humanas. Já Popper (1964), que escreveu *"The Poverty of Historicism"*, criticou duramente as ideias de Hegel e fez uma forte discussão entre o real significado de leis e tendências. Segundo ele, esses dois termos, quando confundidos, podem provocar problemas. Leis, para Popper (1964), são estáticas e geralmente são estabelecidas por questões de periodicidade. Por outro lado, o termo "tendência" que prefere adotar, está baseado em orientações e possibilidades, mas que não obrigatoriamente acontecerão. Diferentemente das ciências naturais, as ciências sociais possuem objetos abstratos com capacidade de relativizar e mudar valores morais. Popper (1964) propõe, então, a aplicação do que ele chama de "método zero", ao qual segundo ele deve ser considerado o desvio de conduta que pode ser aplicado, ou seja, deve ser usado o método da falseabilidade.



Já a escola Austríaca de História propõe que analisemos as ações humanas através do que eles chamam de individualismo metodológico, ou seja, a partir da perspectiva de agentes individuais. Isso fica muito claro em “Theory and History”, onde Ludwig von Mises (2007) afirma que as ciências humanas não devem ser encaradas e interpretadas da mesma forma que as ciências naturais. Ele salienta que enquanto os homens tendem a agir de maneira plural a estímulos iguais, os objetos da natureza que recebem estímulos análogos tendem a ter respostas similares. Uma ação humana, segundo Mises em “Ação Humana: um tratado de economia (1995)” é aquela que leva a um comportamento com intenção de se atingir um fim dado. Hayek (1952), afeito as liberdades individuais, vai mais além e cria o que ele chama de “*learning from experience*” (aprendendo através da experiência). Em “*The Counter-revolution of Science*”, sua principal condenação ao cientificismo pauta-se no fato de que ao priorizar os modelos matemáticos e os das ciências naturais, os economistas ou estudiosos da área social podiam acabar tratando o objeto de estudo, o ser humano, como algo influenciável e investigável, da mesma forma que um matemático trata as suas equações ou um químico trata as suas partículas. Para ele os seres humanos não são autônomos: Eles pensam, possuem valores completamente diferentes um dos outros, objetivos variados e muitos fins. O homem possui o livre arbítrio de escolher entre diversas alternativas e suas ações não podem ser classificadas, medidas ou previstas. Ademais, seus valores, ideias, escolhas e até mesmo objetivos se modificam com o tempo, dependendo das condições sociais e temporais que em que eles se encontram.

Conclusões

Comparando as duas correntes de análise de fontes históricas concluiu-se que enquanto os Historicistas focalizam a interpretação baseando-se em documentos oficiais, fatos e datas inserindo o objeto de estudo em um dado local histórico; aqui a história figura como a principal ciência do homem e obedece leis gerais de desenvolvimento que são utilizadas da mesma forma que as ciências naturais. Por outro lado, a pesquisa concluiu que a Escola Austríaca de História oferece uma abordagem orientada para o subjetivismo, levando em consideração o espaço, tempo e o individualismo de cada ser humano, ou seja, as características racionais e emocionais. De acordo com isso a história das ideias permanecerá neste contexto teórico como uma fonte preferencial de pesquisa na medida em que oferecerá uma perspectiva para se compreender os valores morais que motivaram as ações individuais.



Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos à Fundação Araucária que patrocinou esse projeto e o tornou possível; ao professor orientador Dr. Moacir José da Silva por toda a sua paciência, confiança e disponibilidade; ao Gregory por todo o seu suporte; à minha mãe Lucinda e ao Fábio por serem meus referenciais de apoio; à Deus por permitir o meu crescimento diário na profissão que escolhi.

Referências

HEGEL, G. H. F. **Fenomenologia do Espírito**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

POPPER, K. R. **The poverty of Historicism**. New York: Harper & Row, 1964. (Harper torchbooks. The Academy library).

MISES, L. V. **Ação Humana: um tratado de economia**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1995.

MISES, L. V. **Theory and History**. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007.

HAYEK, F. A. **The Counter Revolution of Science**. Glencoe, Ill:Free Press, 1952.